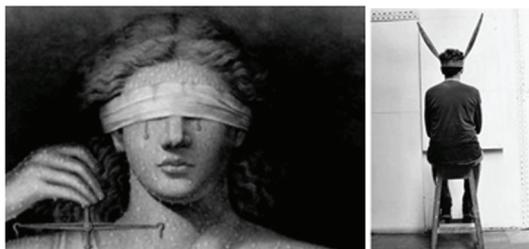




>> Justiça à portuguesa: “Quem copiar leva 10 valores” ... e o burro sou eu?...



“The secret of life is honesty and fair dealing. If you can fake that, you’ve got it made.”
Groucho Marx (Humorista, actor e cantor Norte-Americano, 1890-1977)

Julgo que será relativamente consensual que um bom juiz, para além de um indivíduo profissionalmente competente (incluindo entre estas competências, um profundo conhecimento legal), comprometido com o serviço público e administração da justiça, é/tem que ser um indivíduo íntegro, honesto...

Sendo a cópia em exames um dos principais elementos da desonestidade/fraude académica, a associação entre cópia em exame e (futuros) juízes/magistrados pareceria, à primeira vista, *nonsense*... Pois ... pelo menos em Portugal, deixou de o ser (se é que alguma vez o foi!).

Não bastava já a divulgação (em Crónicas anteriores) da preocupante dimensão da fraude académica entre os estudantes do ensino superior e os diversos e vergonhosos plágios perpetrados por professores e ministros, eis que nem a Justiça escapa a esta verdadeira epidemia.

Após a notícia que saiu a público há dias (em <http://publico.pt/1498868>) sobre o copianço generalizado dos 137 candidatos a futuros magistrados (inscritos no Centro de Estudos Judiciários - CEJ), atrever-me-ia, desoladamente, a acrescentar à minha primeira frase, usando as palavras de Groucho Marx, que um ‘bom’ futuro juiz, para além de outras ‘qualidades’ técnicas, é um indivíduo que consegue convencer (mesmo fingindo) os outros de que é honesto!

Tão grave e, sob determinados parâmetros, ainda mais grave, foi

a posição da Direcção do CEJ, intolerável e laxista, uma vergonha para uma entidade cuja principal missão é a formação de magistrados, competindo-lhe assegurar a formação inicial e contínua de magistrados judiciais e do Ministério Público. Numa primeira decisão, a direcção do CEJ decidiu, por unanimidade, "anular o teste em causa, atribuindo a todos os auditores de Justiça a classificação final de dez valores", sendo esta considerada "a solução mais equilibrada... [pois] já havia outros exames marcados, o que impedia a repetição d[o] teste".

A atitude desculpabilizante por parte de alguns elementos da direcção da escola, alegando tratar-se de uma "situação pontual" motivada pelo "tipo de teste - modelo americano (de cruces)" é má de mais, mesmo à luz dos nossos 'brandos costumes'. Mais um pouco, o erário público vai ter de indemnizar os prevaricadores por os ter sujeitado a um (tipo de) teste que os levou a (inadvertidamente) 'exteriorizar' a parte desonesta dos respectivos caracteres que tão diligente e arduamente tentavam combater... "e o burro sou eu?"

Nunca como agora me parecem tão actuais os 'lamentos' (de há quase 30 anos atrás) de uma dupla inesquecível de actores/humoristas portugueses (Ivone Silva e Camilo de Oliveira):

- Aí Agostinho.
- Aí Agostinha.
- Que rico vinho.
- Vai uma pinguinha.
- Este país perdeu o tino.
- A dar ao fino, a dar ao fino.
- Este país é um colosso.
- Está tudo grosso, está tudo grosso.
- Anda tudo a fazer pouco... da gente. Anda tudo a fazer pouco... da gente."